



DESENVOLVER

Flexão verbal e nominal

Autoria: Alina Villalva

LEITURA • ESCRITA • RECURSOS

Há palavras invariáveis, como as preposições, as conjunções ou os advérbios, que têm uma única forma, e há palavras variáveis, como os verbos, os substantivos ou os adjetivos, que têm diversas formas. Muitas destas formas de variação são geradas por processos de flexão, que são obrigatórios e sistemáticos.

A consciência de que as palavras variam é adquirida precocemente. No entanto, a aquisição de formas flexionadas que ocorrem quase só em registo escrito (cf. *cantariam*, *soubesse*) é tardia, podendo o contacto das crianças com essas formas coincidir ou até ser posterior à aprendizagem da leitura e da escrita. O conhecimento da flexão é importante para a compreensão e boa-formação dos enunciados frásicos, tanto na oralidade, como na leitura e escrita.

1. Flexão verbal e nominal

A variação morfológica das palavras inclui o contraste temático e a [flexão](#). A variação temática não é obrigatória (cf. *aluno/aluna* vs. *estudante*; *gerar/gerir* vs. *abrir*). Pelo contrário, **a flexão é obrigatória e é realizada de forma sistemática** (cf. *aluno / alunos*; *cantei / cantavam*), dependendo da categoria das palavras: a [flexão verbal](#) é diferente da flexão dos substantivos ou dos adjetivos.

No português, **a flexão verbal está subordinada à conjugação do verbo**, que é foneticamente identificável a partir da realização da vogal temática, que ocorre entre o radical e os sufixos de flexão:

- no infinitivo, as vogais temáticas são **-a** (cf. *cant-a-r*); **-e** (cf. *beb-e-r*); **-i** (cf. *sent-i-r*);
- no particípio passado são **-a** (cf. *cant-a-do*); **-i** (cf. *beb-i-do*); **-i** (cf. *sent-i-do*);
- no presente do indicativo são **-a** (cf. *cant-a*); **-e** (cf. *beb-e*); **-e** (cf. *sent-e*).

Alguns sufixos de flexão verbal têm uma realização na primeira conjugação e outra nas outras duas (cf. *canta-va* vs. *bebi-a*, *fugi-a*).

A variação temática verbal também tem consequências para a derivação, dado que há sufixos que se associam:

- ao tema infinitivo (cf. *apresenta-dor*, *empreende-dor*, *polui-dor*);
- ao tema do particípio (cf. *declara-ção*, *perdi-ção*, *persegui-ção*);
- ao tema do presente (cf. *concordâ-ncia*, *dependê-ncia*, *aderê-ncia*).

A flexão dos verbos da 1ª conjugação é geralmente regular, enquanto a maior parte dos verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação tem flexão irregular, no sentido em que a flexão regular não gera as formas aceites pela norma. A primeira conjugação é também a única que recebe novos verbos.

Nos paradigmas regulares, a flexão verbal inclui **formas pessoais** e **formas impessoais**. As primeiras flexionam em [tempo-modo-aspeto](#) e [pessoa-número](#). Essa flexão pode ser realizada por:

- dois sufixos diferentes (cf. *cantá-sse-mos*, *bebê-sse-mos*, *sentí-sse-mos*);
- um único sufixo, que combina os dois valores da flexão, como sucede na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (cf. *cant-o*, *beb-o*, *sint-o*) ou no pretérito perfeito (cf. *canta-ste*, *bebe-ste*, *senti-ste*).

O infinitivo impessoal (cf. *canta-r*, *bebe-r*, *senti-r*), o gerúndio (cf. *canta-ndo*, *bebe-ndo*, *senti-ndo*) e o particípio passado (*canta-do*, *bebi-do*, *senti-do*) são formas impessoais, porque flexionam apenas em tempo-modo-aspeto.

Os substantivos e adjetivos têm uma flexão mais simples, que é número. O contraste entre singular e plural é realizado pela oposição entre o sufixo *-s* (cf. *livro-s*, *antigo-s*), para o plural, e a ausência de qualquer sufixo, para o singular (cf. *livro*, *antigo*). Nas palavras que terminam em consoante lateral (cf. *anel*), vibrante (cf. *colar*) ou fricativa (cf. *país*, *rapaz*), a formação do plural (cf. *anéis*, *colares*, *países*, *rapazes*) desencadeia operações fonológicas que sugerem que a formação do plural é distinta nestes casos, mas a diferença é fonológica e não morfológica.

2. A importância da morfologia flexional para o desenvolvimento linguístico e para a aprendizagem da leitura

A aquisição de algumas formas flexionadas ocorre numa fase precoce do processo de desenvolvimento linguístico. É o que se verifica com a oposição entre o singular e o plural dos substantivos (cf. *menino/meninos*), ou com os contrastes temporais em frases principais, como o domínio do presente e do pretérito perfeito do indicativo (cf. *brinca/brincou*), ou contrastes pessoais, como o que se estabelece entre a 3.ª e a 1.ª pessoas do singular (cf. *brincou/brinquei*).

Um indício da aquisição dos processos de flexão vem da generalização dos paradigmas regulares a palavras irregulares. Formas como **cãos*, **fazi* ou **ouvo*, que são produzidas sem nunca terem sido ouvidas pelas crianças, mostram que estes processos flexionais estão adquiridos e são sistematicamente utilizados. Estas formações ocorrem numa etapa de regularização paradigmática, na produção infantil, a que se seguirá a interiorização das formas irregulares (cf. *cães*, *fiz*, *ouço*), com ou sem intervenção explícita dos interlocutores, dado que a exposição aos estímulos linguísticos não valida a sobregeneralização.

Quanto à **flexão irregular** que afeta palavras pouco frequentes, como, por exemplo, o verbo *entreteter* ou o substantivo *cidadão*, ela tem uma realização espontânea menos garantida. Depende crucialmente da frequência com que a forma irregular ocorre na interação verbal (cf. **entretia* vs. *entretinha*; **cidadões* vs. *cidadãos*). Nestes casos, a **interação verbal formal** e o **domínio da leitura podem ajudar a consolidar a automatização do uso da flexão irregular** e **essa maturação do sistema linguístico é importante para a qualidade da produção escrita**.

A estabilização de formas irregulares supletivas que ocorre em verbos muito frequentes, como os monossilábicos (cf. *sou/és/fui* ou *ir/vou*) processa-se sem intervenção da flexão. Essas formas são aprendidas como palavras diferentes.

A exposição a dados linguísticos mais diversificados, por exemplo através da escuta de histórias ou de filmes e, sobretudo, ao longo do processo de escolarização, traz às crianças um acesso a formas flexionadas menos frequentes na interação verbal próxima e informal. Essas formas ocorrem principalmente em frases subordinadas (cf. *se **escrevesses** uma carta ao pai natal, o que lhe **pediriam** ?*). A aprendizagem dessas formas depende da familiarização com essas construções e ambas estão relacionadas com a frequência da exposição aos estímulos. Consequentemente, essa aprendizagem também está intimamente relacionada com a capacidade de leitura e contacto com textos escritos.

O conhecimento da flexão é também muito importante para a boa-formação dos enunciados frásicos, que são particularmente importantes no processo de leitura, dado que a escrita potencia a ocorrência de dependências distantes:

***a artista convidada** está preparada para entrar em cena e vai agora ser entrevistada*
*preparada para entrar em cena, **a artista convidada** vai agora ser entrevistada*

A consciência morfológica pode ainda contribuir para resolver problemas de escrita suscitados por realizações fonéticas semelhantes que podem ou não ter registos gráficos distintos. No caso do ditongo final [ẽw̃], por exemplo, o registo gráfico difere apenas no que diz respeito a formas verbais e, mais especificamente, ao contraste entre o pretérito perfeito e o futuro simples, na 3.ª pessoa do plural. Nos substantivos, a grafia é mais estável:

cantaram [kẽ'tarẽw̃] *canção* [kẽ'sẽw̃]
cantarão [kẽte'rẽw̃] *órgão* [ˈɔrgẽw̃]

3. A ciência mostra

Em 1958, a psicolinguista Jean Berko desenvolveu um teste para avaliar o conhecimento da morfologia do inglês, em crianças com idades entre os 4 e os 7 anos. O *Wug test* visava medir o conhecimento da [flexão nominal](#) e verbal, e algumas outras estruturas, com base em palavras inventadas (as chamadas não-palavras) para garantir que as crianças nunca tivessem ouvido as formas alvo. Os resultados mostraram que as crianças conheciam e usavam, como esperado, os processos de flexão do inglês. Os processos derivacionais não foram tão bem-sucedidos. Por outro lado, os resultados dos dois grupos etários (pré-escolar e 1.º ano) revelaram que as crianças mais velhas produziram melhores resultados, o que permitiu sustentar a hipótese de que o conhecimento do sistema morfológico nessas idades está a ser consolidado. Os trabalhos sobre a aquisição da flexão no português são ainda escassos, mas é possível encontrar estudos exploratórios sobre aquisição da flexão nominal e verbal, ou de ambas.

É interessante notar que a investigação em linguística tem vindo a mostrar que **os paradigmas de flexão apresentados nas gramáticas escolares, sobretudo no que diz respeito à flexão verbal, incluem formas que têm diferentes pesos no conhecimento e uso da língua.** Por exemplo, a primeira e a segunda pessoas são formas que ocorrem no discurso interpessoal e a sua ocorrência depende das formas de tratamento em uso, havendo contrastes, por exemplo, entre o português

Europeu (tratamento por *tu*) e o português brasileiro (tratamento por *você*). Sabe-se também que a forma de segunda pessoa do plural está em desuso - a forma de tratamento *vós* foi substituída por *vocês*, sendo este pronome flexionado como o da terceira pessoa do plural (cf. *vocês/eles cantam*). O mesmo se verifica com as formas do pretérito-mais-que-perfeito (cf. *cantara*), ou até com o futuro simples (*cantará*) ou o condicional (cf. *cantaria*), que revelam uma frequência de uso muito baixa. Ainda que não tenha sido feito trabalho experimental sobre estas questões, deve antecipar-se que a **consciência morfológica das formas em desuso não ocorrerá espontaneamente e que a explicitação esbarrará na falta de validação por dados empíricos.**

A correlação entre a investigação sobre processamento da flexão e a aquisição e desenvolvimento da leitura e da escrita também tem sido objeto de algumas pesquisas.

A correlação entre a investigação sobre processamento da flexão e a aquisição e desenvolvimento da leitura e da escrita também tem sido objeto de algumas pesquisas.

Leituras Sugeridas

- Appel, K. (2020). Morphological Awareness: The Building Blocks of Language. Medbridge. <https://www.medbridgeeducation.com/blog/2020/01/morphological-awareness-the-building-blocks-of-language/>.
- Berko, J. (1958). The child's learning of English morphology. *Word*, 14(2-3), 150-177. <https://doi.org/10.1080/00437956.1958.11659661>.
- Villalva, A. (2008). *Morfologia do Português*. Universidade Aberta.
- Villalva, A. & Silvestre, J. P. (2015). *Introdução ao Estudo do Léxico. Descrição e Análise do Léxico do Português*. Editora Vozes.

Ler também

DESENVOLVER – O papel da consciência morfológica na consolidação do conhecimento sobre as relações entre ortografia e significado

DESENVOLVER – Morfologia e consciência morfológica